

AFONSO LOPES VIEIRA

1878-1946

IN MEMORIAM

Título
AFONSO LOPES VIEIRA (1878-1946)
IN MEMORIAM

Autores
Vários

Texto introdutório
Paula Cândido
Diretora do Arquivo Distrital de Leiria

Prefácio
Cristina Nobre

Arte final da capa
Gonçalo Fernandes

A edição deste livro resulta de um protocolo celebrado entre

a Fundação
Caixa Agrícola
de Leiria



e o Arquivo
Distrital
de Leiria



© Fundação Caixa Agrícola de Leiria | Arquivo Distrital de Leiria

 **Hora de ler**

© para a produção
Hora de Ler, Unipessoal Lda.
Urbanização Vale da Cabrita
Rua Dr. Arnaldo Cardoso e Cunha, 37 - r/c Esq.
2410-270 LEIRIA - PORTUGAL
E-mail: horadelercf@gmail.com
Tlm: 966739440

Coordenação editorial: Hora de ler
Montagem e concepção gráfica: Hora de ler
Impressão: Artipol - www.artipol.net

1.^a edição fac-similada: Dezembro 2023

Edição N.º 1149/23
Depósito Legal: 524420/23
ISBN: 978-989-9128-49-1

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

AFONSO LOPES VIEIRA

1878-1946

IN MEMORIAM

FAC-SIMILE DA EDIÇÃO DE 1947

2023

Fundação Caixa Agrícola de Leiria | Arquivo Distrital de Leiria

A DEVIDA HOMENAGEM A AFONSO LOPES VIEIRA

Consequência de um protocolo de colaboração estabelecido entre a Fundação Caixa Agrícola de Leiria (FCAL) e o Arquivo Distrital de Leiria, unidade orgânica dependente da Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas (DGLAB), procede-se agora à segunda reedição de publicações existentes no Arquivo Distrital de Leiria (ADLeiria), herdadas da antiga Biblioteca Erudita de Leiria e consideradas de relevância patrimonial – neste particular a reedição da publicação *Afonso Lopes Vieira (1878-1946) – In memoriam*.

Se, nos termos da **Lei de Bases do Património Cultural**, o património cultural é constituído por todos os bens que, sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, devam ser objeto de especial proteção e valorização, o protocolo de colaboração entre a Fundação Caixa Agrícola de Leiria e o Arquivo Distrital de Leiria operacionaliza o definido e garante o conhecimento, o estudo, a proteção e a valorização do património cultural.

A parceria estabelecida entre a Fundação Caixa Agrícola de Leiria e a Direção Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas une missões. Se a Fundação Caixa Agrícola de Leiria tem por missão a promoção de ações de caráter cultural, educativo, artístico, social e filantrópico nas áreas geográficas de ação da Caixa de Crédito de Leiria, atualmente os concelhos de Leiria, Marinha Grande e Ourém, e como destinatárias privilegiadas as entidades de solidariedade e justiça social, e a preservação da identidade regional e a universalização do respeito pelos direitos humanos, a Direção Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas tem por fim assegurar a coordenação do sistema nacional de arquivos e a execução de uma política integrada do livro não escolar, das bibliotecas e da leitura, cumprindo, pois, fins similares.

Integrado nesta dinâmica, o Arquivo Distrital de Leiria, como unidade orgânica dependente da DGLAB, herdeiro da antiga Biblioteca Erudita de Leiria, com um valioso e inédito património bibliográfico, teve assim a possibilidade de, com o apoio da Fundação da Caixa Agrícola de Leiria, editar publicações inéditas ou reeditar publicações há muito esgotadas ou já muito raras, de autores de prestígio, consideradas de relevância patrimonial para a construção da identidade cultural da região e, assim, assegurando a transmissão de uma herança, cuja continuidade e enriquecimento unirá gerações.

A reedição da publicação *Afonso Lopes Vieira (1878-1946) – In memoriam*, edição de 1947, permite simultaneamente dar acesso a uma publicação rara ou há muito esgotada e prestar a devida homenagem à figura incontornável do poeta leiriense.

Uma palavra de agradecimento à Professora Doutora Cristina Nobre por engrandecer a publicação com o seu significativo contributo; ao Eng.º Carlos Fernandes pela disponibilidade e atenção demonstradas ao longo do processo; e à Fundação Caixa Agrícola de Leiria, na pessoa do Sr. Mário Matias, a quem se deve esta iniciativa.

Paula Cândido
Diretora do Arquivo Distrital de Leiria
novembro 2023

PREFÁCIO

No poetic reputation ever remains exactly in the same place: it is a stock market in constant fluctuation.

T. S. ELIOT (1944) "What is Minor Poetry?" in *On Poetry and Poets*. London: Faber & Faber. p. 48.

Afonso Lopes Vieira na 'bolsa de valores' do século XXI

Na segunda década do século XXI, numa altura em que o conceito de 'memória' adquire novas e tecnológicas variantes na cultura europeia, ocidental e mundial, talvez seja altura de nos interrogarmos, numa pausa pouco valorizada em tempos de automatismo imediato, sobre o valor e a validade de reedições de obras de homenagem póstuma feitas a escritores que conheceram a glória em vida e que têm sobrevivido sobretudo através de fragmentos da sua obra, na inscrição em manuais escolares e em ocasionais registos regionais, distritais ou folclóricos. Porém, continuamos a reclamar a sua importância na constituição de uma raiz identitária a preservar enquanto o tempo durar... Há praticamente 80 anos, T. S. Eliot estava bem perto dos nossos dias, quando se referia a uma constante flutuação da reputação poética na 'bolsa de valores'.

Afonso Lopes Vieira (1878-1946) corresponde bem a uma reflexão necessária sobre os remanescentes culturais do passado que transitam para o presente e futuro e como se constroem eles na 'bolsa de valores' da cultura deste novo século.

João Gaspar Simões, impelido a interpretar o significado social e literário das cerimónias do funeral do escritor, ofereceu-nos uma análise em que as duas e antagónicas facetas do homem público (querido e agraciado pelo sistema; e em franca fuga e oposição crítica a ele) aparecem como importantes chaves de sentido¹. Por um lado, o próprio Presidente da

¹ As palavras de Gaspar Simões a que me refiro são as seguintes: "[...] Esquecido numa terra onde os literatos têm memória de galinha — só se lembram do milho que a contemporaneidade lhes atira para a capoeira em que erguem o seu canto de aves de poleiro —, Afonso Lopes Vieira, com a sua pequena

República, Óscar Carmona, enviou um representante às exéquias, a que assistiu uma boa parte da intelectualidade portuguesa, tanto a mais conservadora como a mais liberal; por outro, toda a cerimónia pública, atestatória da grande popularidade do escritor e do seu intenso relacionamento social, parece estar em contradição com um autor que em vida se mostrou orgulhoso por não pertencer a nenhuma Academia².

Uma confusão, geradora de equívocos, entre o que foi (e o valor que tem) a obra de *reescrita de Portugal* (Nobre, 2005, vols. I e II) programada e executada pelo escritor, e o sentimento de dívida que provocou nos meios institucionais, convencidos de poder resgatar o autor com alguns gestos de homenagem simbólicos, capazes de inscreverem para a posteridade uma figura literária. Um desses gestos foi, naquilo que se pode considerar a primeira romagem *post-mortem*, a colocação do bronze de Afonso Lopes Vieira, cinzel de Francisco Franco, no Largo da Rosa, com discurso de evocação do primo do escritor, Filipe Vieira Charters de Oliveira, em 1951.

Vitorino Nemésio, com a clarividente e desassombrada eloquência racional que nos habituámos a associar à sua palavra crítica, dedicou uma crónica semanal do *Diário Popular* ao assunto, intitulada “O Bronze de Afonso Lopes Vieira”, de 24 de Outubro de 1951, onde teceu importantes comentários sobre o valor literário e os atos públicos conducentes à valorização de um escritor:

Em tais consagrações há sempre uma justiça relativa, que depende de acasos, de impulsos emocionais e outros ditames de voga, mas que, apesar dos hiatos e olvidos, há anos vai emendando a mão municipal outrora absorvida em homenagens geralmente apoucadas pela curteza do horizonte histórico em que elegiam os heróis de praça pública e pela bitola restrita às lutas civis e a pouco mais. Lentamente, os homens espirituais vão ganhando terreno aos homens de armas e de ruído, por invictos e ilustres que fossem. [...] § [...] Com efeito, na hora da gratidão e da justiça cívica a um escritor, não há que esconder um pouco de menos valia da sua obra literária em relação ao alto, ao raro valor do seu civismo. E como esse pessoal merecimento se traduziu sobretudo em atitudes espiritualmente patrióticas,

estatura física, a sua frágil compleição e, mau grado os injustos remoques que lhe lançou Fernando Pessoa, ridicularizando-o como autor de um livro para a infância, *Bartolomeu Marinheiro*, está para lavar e durar. Temos de ver nele uma das nossas mais fortes personalidades da primeira metade do século XX. [...]” (Simões, 1974: 21-2).

² Vários são os passos em que ALV afirma a sua independência de escolas literárias e outros credos, mas registo um elucidativo excerto da sua conferência “Coimbra e o sentimento de beleza”: “[...] a voz de uma pessoa tão extra-oficial e mesmo anti-oficial como eu fui sempre [...]” [DG: 188].

incorporado fica de certo modo também numa bibliografia de autor que, como a de Lopes Vieira, há-de sempre valer muito mais na língua portuguesa pelo que memorou, sublimou, apurou e acendeu, do que por uma intrínseca e forte linha de autónoma criação que, assim, praticamente, não faz falta nenhuma aos fins que visou e atingiu. (Nemésio, 1951: 5).

Nemésio reposiciona Lopes Vieira numa escala de valores, de acordo com as suas qualidades humanas, na sua opinião avalizada de professor universitário (mas também de *afilhado literário...*), em sobreposição às qualidades literárias. Na verdade, o retrato traçado nesta crónica, com a policromática paleta nemesiana, é o de um ser moralmente superior, demasiado idealizado para ter correspondido a alguém real de carne e osso. Ilhéu conhecedor dessa névoa com que o tempo cobre (e vai contaminando) a imagem das pessoas, sobretudo a das figuras públicas preservadas em estátuas de praças públicas, Vitorino Nemésio concluía o seu artigo com palavras que parecem, hoje, oraculares: “[...] Mas há um busto de bronze que os raros transeuntes das abas da Costa do Castelo, ao cruzarem com ele, daqui a uns cinquenta anos, quando já quase não houver senão futebol e fadinho, hesitarão em identificar, apesar do vigor e da fidelidade do cinzel de Francisco Franco, entre um cavaleiro de África e um eterno adolescente.” (*id.*, *ibidem*).

Precisamente hoje, passados que são quase 80 anos, podemos avaliar a justeza e a justiça da afirmação de Nemésio. Depois da sessão de homenagem à memória de Lopes Vieira pela Academia Nacional de Belas Artes, em Janeiro de 1947, e do monumental *In memoriam*, de outra sessão de homenagem na Casa do Distrito de Leiria, de um Serão evocativo da obra e personalidade do escritor, em Abril, no antigo teatro D. Maria Pia, em Leiria, tudo no mesmo ano de 1947; de nova sessão de homenagem e organização de uma “Exposição Biobibliográfica” em 1955, aquando da inauguração da Biblioteca Municipal de Leiria; de uma Exposição Bibliográfica sobre Afonso Lopes Vieira, organizada pela Liga dos “Amigos de Lisboa”, patente ao público entre 7 e 30 de Abril de 1962; de uma evocação no 20.º aniversário da morte do poeta pela Câmara Municipal de Lisboa, com alocução do general França Borges; da palestra de Aníbal Pinto de Castro, na abertura solene do ano letivo de 1967, no Magistério Primário de Leiria; das comemorações do 1.º centenário do nascimento do escritor, em 1978, patrocinadas pela Câmara Municipal de Leiria e pela Secretaria de Estado da Cultura³; da realização de uma palestra integrada nas

³ As comemorações do 1.º centenário foram largamente divulgadas e comentadas pela imprensa da região de Leiria. O semanário, *Região de Leiria*, no n.º 2087, de 28 de Janeiro de 1978, faz referência ao

comemorações do cinquentenário da morte do escritor, em 1996; da publicação do poema “Lenda da Vela”, como ‘Homenagem a Afonso Lopes Vieira’, com desenhos de Luís Manuel Gaspar, na revista *PRELO*, n.º 1, da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, em 2006; do colóquio *A Glória do Esquecimento: 70 anos sobre a morte de Afonso Lopes Vieira* (realizado a 26 de janeiro de 2016, na Biblioteca Municipal de Leiria, com org. e ed. da CMLeiria), e de outros eventos de âmbito mais reduzido (mas não menos formativos, como as centenas de pequenos trabalhos de recolha bio e bibliográfica levada a cabo com entusiasmo por quase todas as escolas do distrito de Leiria, ou as intervenções das tertúlias realizadas na Casa-Museu João Soares e na Casa-Museu Afonso Lopes Vieira, bem como o retomar do “Festival Afonso Lopes Vieira”, durante o mês de agosto, em S. Pedro de Moel, já durante o século XXI) — a verdade é que tem havido muitas oportunidades sociais e institucionais de voltar a trazer o nome de Afonso Lopes Vieira ao convívio com as atuais gerações, insuflando vida à estátua.

Face a um panorama que parecia indiciar uma aceitação por parte do público contemporâneo, pode parecer outro equívoco a flagrante raridade das edições de obras do escritor à venda no mercado⁴. Além de uma ou outra obra para a infância e das restituições maiores (*Romance de Amadis*, *Diana de Jorge de Montemor*, *Poema do Cid*), entre a poesia só *Canções do Vento e do Sol* mereceu uma edição nos últimos 70 anos e, mais recentemente, *Onde a Terra se Acaba e o Mar Começa*⁵. O paradoxo é entre um autor que

programa previsto para as comemorações “A Afonso Lopes Vieira (1.º centenário do seu nascimento) 1878-1978” (p. 1), e o n.º 2088, de 4 de Fevereiro de 1978, dedica dois artigos de fundo ao assunto: “Comemorações do 1.º Centenário do Nascimento de Afonso Lopes Vieira” (pp. 1 e 12) e “Num Mundo e num Tempo como os Nossos. A Exposição Evocativa de Afonso Lopes Vieira”, de José Travaços Santos. O semanário leiriense, *O Mensageiro*, no n.º 3134, de 2 de Fevereiro de 1978, apresenta um artigo de fundo sobre as comemorações: “Nos Actos Solenes das Comemorações de Afonso Lopes Vieira a Câmara Municipal dignificou-se, dignificando o Poeta” (pp. 1 e 8). O semanário leiriense, *A Voz de Domingo*, no n.º 2337, de 5 de Fevereiro de 1978, dá destaque às comemorações com o artigo de fundo: “Em Leiria iniciaram-se as comemorações centenárias de AFONSO LOPES VIEIRA. Magistral lição do Prof. Dr. DAVID MOURÃO-FERREIRA” (pp. 1 e 4). As imagens transmitidas pela imprensa periódica da altura, bem como as ligadas com a notícia da morte e do enterro de ALV, merecem um estudo sociológico aprofundado, para tirar conclusões quanto ao impacto que a imprensa pode transmitir a (e valorizar ou desvalorizar...) acontecimentos sociais como as homenagens comemorativas de centenários ou exéquias.

⁴ As obras com edições à venda no mercado encontram-se referenciadas na Bibliografia, mas repito aqui as suas breves indicações: DJM (1966), ed. Parceria A. M. Pereira; CC (1971), ed. Parceria A. M. Pereira; CAFRL (2021), ed. Hora de Ler; RA (2003), ed. Porto ed.; CVS (1983), ed. Ulmeiro; ANA (2021), ed. Parsifal; BM (1992), ed. Cotovia; PC (1993), ed. Relógio d’Água; OTAMC (1998), ed. Veja; M(HP) (2016), ed. IN-CM.

⁵ Fiz já referência a uma proposta gorada da Câmara Municipal de Leiria de reeditar *Ar Livre*. Acrescenta-se que a homília do Bispo de Leiria durante as comemorações do 1.º centenário do nascimento do escritor também fazia referência à necessidade de reeditar a obra completa, segundo citação de alguns

a instituição estatal continua a festejar — mesmo quando sujeita a períodos de grande instabilidade política e a mudanças governamentais, como sucedeu com a insegurança quanto à vinda de David Mourão-Ferreira, na qualidade de secretário de estado da Cultura, como conferente principal das comemorações do 1.º centenário⁶ — e o desconhecimento generalizado da obra de Lopes Vieira, de que o esgotamento da maior parte das obras é sintoma revelador e se pode eternizar num processo de arquivo morto por inacessibilidade.

Lopes Vieira terá tido alguma consciência crítica do risco que corria a geração literária a que pertencia. Em 1942, na *Nova Demanda do Graal*, a expiação aparece simbolizada na bandeira da Cruz de Cristo (que cobriu, aliás, a urna do escritor...), e no desalento e desencanto que a passagem do tempo torna visível entre os ideais de um tempo outro e de um tempo sem ideais:

Foi assim que nós-outros, os ‘ruços’ de hoje, nos temperámos; e chegámos a ‘ruços’ sem comendas, nem prebendas, matando a palpitante, ansiosa sêde de servir com demandas do Graal que todos fizemos. Esta nova demanda já não encontra, porém, um público amador de semelhantes cavalarias. É que os próprios símbolos de guerra espiritual caducam através do tempo e da fortuna. A Cruz que sangra na capa dêste volume hasteou-a ao vento o autor em 1909 e em 6 de Outubro de 1910 convidaram-no a substituí-la pelo verde e vermelho triunfante. Não mudou nunca, no seu mastro sôbre o mar, a Cruz então arvorada, mas o que, em dias incertos, significava fé aguerrida, pode em outros significar gôzo ou comodidade. [NDG: 12-3].

periódicos da altura. Porém, a Imprensa Nacional continua a ter esse processo em suspenso, embora a edição esteja há muito finalizada e com estudo introdutório...

⁶ Na Ata de Reunião n.º 1, da Câmara Municipal de Leiria, de 6 de Janeiro de 1978, pode ler-se o detalhado projeto da “COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO DO POETA AFONSO LOPES VIEIRA”, de que transcrevo um excerto, nas pp. 18-9: “Pelo Vereador do pelouro da Cultura, Sr. Francisco Sismeiro, foi apresentada a seguinte informação: § ‘Tornando-se necessário ultrapassar o impasse resultante dos adiamentos da vinda a Leiria, do Sr. Secretário de Estado da Cultura, que tiveram origem na actual situação política, contactei telefonicamente no passado dia 3 em representação da Comissão do Centenário de ALV, aquela personalidade, que de imediato marcou uma audiência para o dia 6 do corrente. § A audiência foi orientada no sentido de dar a maior dignidade à data da abertura das comemorações do centenário, em 26 deste mês, posto que, não obstante o enorme interesse do Dr. David Mourão Ferreira nestas comemorações, que deseja condignas, à altura da figura do Homenageado, não pode neste momento assumir compromissos para o futuro enquanto não for definido o novo Governo. § Todavia teve a preocupação de convocar para a audiência o Secretário geral daquele departamento, e o seu Chefe de gabinete, para que, como funcionários permanentes, podessem [sic] ficar a par de toda a situação, de modo a transmitirem ao seu eventual sucessor, o programa previsto e procurarem obter o seu interesse e concordância para ele. [...]”.

Teria razão Fernando Pessoa quando, em carta de Janeiro de 1913 para Jaime Cortesão, dividia a nova geração em dois ramos distintos, colocando um dos ramos na imbricação do séc. XIX com o XX, e o outro, o moderno, apenas no séc. XX? — “[...] A meu ver é o meu querido amigo (permita-me que assim o trate) o primeiro dos poetas da novíssima geração. Eu chamo, é claro, novíssima geração àquela que apareceu posteriormente à de Pascoaes, Correia de Oliveira e Lopes Vieira, à que é propriamente já e apenas do século vinte. [...]” (*apud* Silva, 1999: 72).

Por esse quinhão de séc. XIX, ficaria Lopes Vieira atado à imagem finissecular do *esteta de si mesmo*, sem se desviar um milímetro dos seus ideais estéticos fundidos com uma visão ética da literatura e da arte, dando de si mesmo uma imagem contraditória (e rica) projetada tanto em registos de admiração exemplar, como em caricaturas de desconstrução de um certo virtuosismo⁷.

Afonso Lopes Vieira na ‘bolsa de valores’ do século XX

O núcleo alargado e polifacetado de individualidades, artistas, homens de letras e ciências, académicos, políticos, mostra em catadupa a diversidade de amizades nos vários quadrantes da vida cultural portuguesa (e brasileira) do tempo de vida de Afonso Lopes Vieira.

O Índice de textos dá-nos uma lista avultada de figuras de nomeada e com nome firmado na memória cultural portuguesa – Hipólito Raposo (1885-1953), Artur Lobo de Campos (1884-1953), Alberto Pinheiro Torres (1874-1962), Raul Lino (1879-1974), Henrique de Vilhena (1879-1958), Américo Cortez Pinto (1896-1979), Hernâni Cidade (1887-1975), João de Deus Ramos (1878-1953), Reynaldo dos Santos (1880-1970), João Carlos (1899-1960),

⁷ Braz Burity apresenta um retrato caricatural-sarcástico e demolidor de ALV interessante, tangencialmente, sobretudo pelo grande relevo que demonstra terem tido as suas ações culturais, pois mesmo a denegação acaba por ser uma forma de reforço do objeto: “Af. Lopes Vieira. — Capadinho das letras, repórter de sacristia, santantoninho onde te porei de águas bentas e águas turvas, que fazendo vida de capador de autos e rimances, ora fragateia, em caldeiradas apoteóticas, com rumo aos Brasis, os *Lusíadas*, ora fatimiza, em cacharotes integralistas e expoências do Portugal-Maior, Mestre Gil e Columbano, o Amadis e a Cova da Iria, cantochonando sempre, piedoso e místico, em rimas chôchas e prosas meladas, no govêrno da vida e achêgas da celebridade, o snobismo da sua Confraria — com serões de Arte, no Atelier do Teixeira Lopes, danças de ventos nas timpanites do Augusto Rosa — que Deus haja! — com atitudes apolíneas de esteta em calda de ginga, poeta em compota de pêssego e prosador sem massa de tomates — Brumel em cheviotes do Grandela, autoridade em artes fotográficas e quanto a talento — meninos! — em sabonetes catitas do Aquiles de Brito, vou ali e já venho, porque, até em S. Pedro de Muel, há muito melhor... ” (Burity, 1931: 123-4).

João Pereira Dias (1894-1960), Vitorino Nemésio (1901-1978), Luís Forjaz Trigueiros (1915-2000), Ruy Coelho (1889-1986), Luís de Almeida Braga (1890-1970), Aquilino Ribeiro (1885-1963), José Pequito Rebelo (1892-1985), Adelino Mendes (1878-1963), J. Vieira Natividade (1899-1968), Acácio Calazans Duarte (1889-1970), Afrânio Peixoto (1876-1947). Isto sem referir a imponente parte plástica do volume, de que fazem parte alguns dos retratos em vida do escritor, ou das suas casas, por pintores seus amigos (Columbano Bordalo Pinheiro (1857-1929), Roque Gameiro (1864-1935), Raul Lino, Eduardo Malta (1900-1967), António Carneiro (1872-1930), Adriano Sousa Lopes (1879-1944), Alice Rey Colaço (1890-1978), João Carlos), bem como a reprodução de fotografias, arte na qual Lopes Vieira foi um pioneiro, que permitem ao leitor fazer a imersão num tempo-outro e avaliar criticamente das alterações dos hábitos e tradições e da permanência paisagística e arquitetónica a proteger como património da cultura.

Não obstante a listagem de nomes seja importante e fundamental para aferir da valorização dada ao escritor pelos seus contemporâneos, deve ser escrutinada a nota inicial da ed. Livraria Sá da Costa – para não ferir suscetibilidades – onde se pode ler que o número de muitas das pessoas convidadas a participar no *In Memoriam* não tivessem conseguido entregar os originais a tempo de serem incluídos na edição, que respeitou o primeiro aniversário da morte do Poeta. Porém, a estrutura do livro por áreas temáticas (umas vezes coincidindo com a cronologia da obra, outras nem tanto) fundou os alicerces de um *In Memoriam* rico e capaz de percorrer desde curiosidades biográficas e da vida íntima, passando pela ligação ao teatro, ao cinema, à pintura, à música, às Artes em geral, sem escamotear a sua filosofia panteísta ou o seu inconformismo político.

Pertencentes ao grupo do movimento do Integralismo Lusitano – que sofreram a perseguição do Estado Novo e cuja correspondência privada com Lopes Vieira se encontra maioritariamente nos volumes IV e VII das *Cartas e outros escriptos dirigidos a Afonso Lopes Vieira*, guardada no espólio da Biblioteca Municipal de Leiria – temos a presença de Hipólito Raposo, Pequito Rebelo, Alberto Pinheiro Torres ou Luís de Almeida Braga. Na revista *Nação Portuguesa*, diziam-se seguidores da linha tradicionalista de Eça de Queirós, quais Lúcius Castanheiros a tentar reatar a *tradição* quebrada, com um discurso que nada tinha de irónico: “Honrar a tradição é justificar o presente em face do mundo. Renega-la é um suicídio estúpido e aviltante. § Ainda quando a tradição é catastrophe, devemos ama-la e só renega-la e esquece-la, quando for vergonha” [NP, 1914: 3]. O escritor tinha aderido a este programa, e escreveu para os periódicos da época um

artigo (mais tarde publicado em DG: 298) em que defende o grupo e considera as razões da impopularidade dos Integralistas:

Êstes revolucionários da Tradição devem a sua gloriosa impopularidade a serem na realidade tão modernistas como anti-políticos, anti-parlamentares e sindicalistas. [...] posso dizer que êste tem sido o mais consciente dos núcleos de pensamento contemporâneo. [...] E o seu esforço, mesmo quando outros resultados não desse, sempre daria êste: ficar como um documento de honra e de coragem. [DG: 298].

Mesmo depois desta revista ter terminado, Luís de Almeida Braga e Hipólito Raposo prosseguiram com outra, denominada *Integralismo Lusitano. Estudos Portugueses*, entre abril de 1932 e janeiro de 1933, na qual Lopes Vieira também participa, com comentários críticos sobre a oposição crescente entre o Estado e a Nação como sendo o pior mal da época:

É realmente singular como, coexistentes na mesma época, dois movimentos se pudessem ter desenvolvido com direcções tão antagónicas: o movimento político, caótico e bárbaro, desprovido de consciência histórica e sentimento português; e êsse outro movimento intelectual, produzido com tão exemplar seriedade, com tão profundo espírito científico, criador de Nação — portanto hostil ao Estado ou merecendo a hostilidade do Estado, o que veio a constituir o drama terrível da vida nacional, ou fôsse o trágico desentendimento entre o Estado e a Nação. (*IL*, 1932: 8).

Neste contexto, não deixa de ser surpreendente a presença de Aquilino Ribeiro, consubstanciando atitudes revolucionárias e altamente críticas em relação a praticamente todos os quadrantes políticos, e que acabaria por se ligar ao “Grupo da Biblioteca”. Visita da casa de Lopes Vieira, no Largo da Rosa e em S. Pedro de Moel, também a correspondência íntima (Volumes II e XI) com Lopes Vieira nos revela como via nele um patrono espiritual e um conselheiro avisado, capaz de o socorrer das aflições do quotidiano. Assim se compreende que entenda o ‘Lusismo’ do escritor como subjetivo e sempre inconformista: a explicação racional e emocional para se ver rodeado no *In Memoriam* por personalidades de quadrantes políticos tão diversos e antagónicos.

O mesmo se poderia dizer da correspondência mantida com Artur Lobo de Campos, amigo de infância do escritor, no longo período que vai de 1909 a 1945, através da qual podemos acompanhar a evolução artística e estética de Lopes Vieira; o confronto com a solidão em S. Pedro de Moel; os projetos de trabalho literário; as reflexões de carácter

existencial e filosófico, reveladoras de uma figura menos escudada atrás de uma imagem cavaleiresca e a dá-la numa nudez singela de frágil humanidade, correspondente à crise que o opôs declaradamente ao Estado Novo, com o episódio notável da escrita de *Éclogas de Agora* e as dolorosas consequências implicadas⁸. Provavelmente seria o amigo com mais credibilidade e conhecimento para escrever sobre a infância e juventude do escritor.

Américo Cortez Pinto, nascido em Leiria, monárquico e nacionalista, médico, dedicou-se às Letras, sobretudo poesia, e foi um dos fundadores da revista *Ícaro*, na qual Lopes Vieira colaborou. O convívio entre os dois homens manteve-se ainda quando se mudou para Oeiras e também há correspondência sua no espólio. Naturalmente deu o seu contributo sobre a obra na sua globalidade, analisando a poesia com a evolução por diversas fases, sempre sob a tradição da Portugalidade, o que o autoriza a cognominá-lo de “Poeta Saudade” – o *Paladino de tudo quanto é Português (In Memoriam: 94)*.

A plêiade de artistas figurantes no *In Memoriam* – Raul Lino, João Carlos, João Pereira Dias, Luís Forjaz Trigueiros, Ruy Coelho – que com ele privaram de perto, permite-nos entender a presença e importância que as várias expressões artísticas sempre tiveram na sua vida e obra. De todos se preservou correspondência, mas é a de Raul Lino a mais significativa. Porém, não é surpreendente que seja Reynaldo dos Santos, médico, escritor e historiador de arte, a deixar-nos a síntese bem elaborada sobre o *culto da Arte* a que Lopes Vieira foi devotado durante toda a sua vida. Também a correspondência guardada é numerosa (volumes VIII, IX e XIV) e reveladora da íntima relação de amizade e gostos que os reuniu à volta da arte, contendo elementos de estudo fundamentais para uma história dos bastidores da revista *Lusitânia*, por exemplo, ou para história da arte e a identificação, conservação e restauro de algumas peças dos Museus portugueses.

José Vieira Natividade inscreve o amor de Lopes Vieira por Alcobaça e seu Mosteiro, como um dos promotores principais, juntamente com o pai, da recondução à primitiva fisionomia cisterciense. Refere-se ainda aos estudos sobre os túmulos de Pedro e Inês, a

⁸ Estamos a pensar sobretudo na carta enviada das Cortes, datada de 8 de Novembro de 1933, escrita a lápis, que ALV pediu expressamente para ser destruída, onde se revela a devastação da sua alma através da utilização do calão, quando sabemos dos cuidados censórios que a língua sempre lhe inspirou: “[...] como TUDO me tem corrido mal ha anos (3 ou 4 pelo menos), estou *sempre* desconfiado com a vida. § Pois, emfim, a ti posso dizer-to — e de mais *queimarás este papel após a leitura*: — por mt.^{as} razões considero-me FODIDO e sem saber quando e como sairei da *zona negra* em q. entrei. Claro q. a Americo & C.^a mostro-me de modo q. êles não suspeitam sequer o q. por cá vai. É uma questão de elegância moral. Mas a TI digo e repito q. não vejo horizonte na mh.^a vida (*no resto* da mh.^a vida!) e q. esta estada aqui só me sugere esta pergunta: — sairei alguma vez de aqui?... [...]” [BML, dossier c/ vários autógrafos, n. cat.].

defesa da recolocação de posicionamento, tal como se encontram até hoje e o nascimento da obra ficcional *Pedro, o Cru*, resultante de todo este envolvimento cultural e emocional. Acácio de Calazans Duarte não podia deixar de se referir ao grande apoio que deu em diversas ocasiões ao povo da Marinha Grande, fazendo com que a distância da torre de marfim se desfizesse: *o povo sentia que esse aristocrata era o mais sensível, o mais compreensivo dos seres (In Memoriam: 255).*

Chegar ao futuro

Com a presente reedição de *In Memoriam* repõe-se um elemento bibliográfico há muito esgotado e nem sequer acessível em alfarrabistas. A ponte do passado para o presente fica estabelecida...

Os contributos dos amigos e contemporâneos de Afonso Lopes Vieira dão bem conta da multifacetada personalidade do escritor e como o século XXI tem ainda tantas áreas novas a explorar, tal é a riqueza da sua obra, tanto a que deixou publicada, como a inédita. Caminhar sobre a ponte e alcançar novas margens será o novo desafio. Está nas nossas mãos.

BIBLIOGRAFIA

Referências bibliográficas:

- Burity, B. (1931). “Af. Lopes Vieira” in *Ídolos, Homens & Bêstas*. “Columbano-Figueiredo & C.^a, Ld.^a”. Porto: ed. de Maranus. pp. 123-4.
- Nemésio, V. (1951). “O Bronze de Afonso Lopes Vieira” in *Diário Popular*. ano X. n.º 3255. Lisboa. 24 de Outubro. p. 5.
- Nobre, C. (2001). (posfácio, notas e ed.): ... *um longo ataque de melancolia mansa... Correspondência e autógrafos (1909-1945) de Afonso Lopes Vieira a Artur Lobo de Campos*. Col. Biblioteca Afonso Lopes Vieira, n.º 1. Câmara Municipal de Leiria. Leiria: Magno ed. ISBN: 972-8345-36-4. 164pp.
- ____ (2005). *Afonso Lopes Vieira. A Reescrita de Portugal*, vol. I e *Inéditos*, vol. II. col. temas portugueses. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda. ISBN: 972-27-1260-8. 668pp.
- ____ (2005). “O esteta de si-mesmo. Afonso Lopes Vieira” in Revista *Clube do Coleccionador*. Lisboa: CTT Correios de Portugal. Junho. pp. 4-6. **URI: <http://hdl.handle.net/10400.8/627>**
- ____ (2019). “Afonso Lopes Vieira: dois textos gerados no exílio – *Brancaflor e frei Malandro & Éclogas de Agora*” in *Anais Leirienses. Estudos & documentos*, n.º 1. Leiria: ed. Hora de Ler. ISSN 2184-4135. Março. pp. 197-210. (cf. https://www.facebook.com/Hora-de-Ler-2263586547021316/?modal=admin_todo_tour). **URI: <http://hdl.handle.net/10400.8/3977>**
- Silva, M. P. (1999). *Fernando Pessoa. Correspondência. 1905-1922*. Obras de Fernando Pessoa / 6. Lisboa: Assírio e Alvim.
- Simões, J.G. (1974). “I. Afonso Lopes Vieira” in *Retratos de Poetas que conheci. Autobiografia*. Porto: Brasília ed. pp. 17-29.

OBRAS de Afonso Lopes Vieira mais reeditadas e ainda acessíveis no mercado:

- (1903). [M(HP)] *MARQUES (Historia d'um perseguido)*. Lisboa: ed. Tav. Card. & Irmão. (1.^a ed.) — (2016) “*Marques*” (*Historia d'um perseguido*). org. E. C. Torres e estudos de E. C. Torres e C. Nobre. Lisboa: ed. IN-CM (2.^a ed.).
- (1911). [ANA] *ANIMAIS NOSSOS AMIGOS*. il. de Raul Lino. grav. de P. Marinho. Lisboa: Livr. Ferreira (1.^a ed.) — (1920) *Animales Amigos*, trad. de I. Ribera-Rovira e Fernando Maristany. il. de Raúl Lino y Arturo Ballester. Barcelona: ed. Cervantes (2.^a ed.) — (1931) *Animais Nossos Amigos*. Versos de Affonso Lopes Vieira. il. de Maria de Lourdes. Lisboa:

- Livr. ed. Portugal-Brasil (3.^a ed.) — [1931]. *Animais nossos amigos*. il. de Maria de Lurdes. nova ed. realizada por intervenção do serviço de escolha de livros para as Bibliotecas das Escolas Primárias. sd. (rep. 3.^a ed.) — (1973). *Animais nossos amigos*. il. por Eugénio Silva. Lisboa: Parceria A. M. Pereira (4.^a ed.) — (1992). *Animais Nossos Amigos*. il. de Raul Lino. ed. sg. a 1.^a ed. Lisboa: ed. Livros Cotovia (5.^a ed.) — (1997). *Animais Nossos Amigos*. il. de Isabel Favila. col. “Lendas e Contos”. Lisboa: ed. Vega (6.^a ed.) — (2016). *Animais Nossos Amigos*. il. de Gulliver Vianeí. Lisboa: ed. Atlêtheia (7.^a ed.) — (2021). *Animais Nossos Amigos*. il. de Dina Sachse. Lisboa: ed. Parsifal (8.^a ed.).
- (1911). [CVS] *CANÇÕES DO VENTO E DO SOL*. Lisboa: typ. “A Editora”. (1.^a ed) — (1967). *Canções do Vento e do Sol*. Lisboa: Parc. A. M. Pereira, Lda. (sg. a 1.^a ed. de 1911) (2.^a ed.) — (1983). *Canções do Vento e do Sol*. col. “Clássicos da Língua Portuguesa”, n.º 6. Lisboa: ed. Ulmeiro. (3.^a ed.).
- (1912). [BM] *BARTOLOMEU MARINHEIRO*. il. de Raul Lino. Lisboa: Lvr. Ferreira (1.^a ed.) — (1955). *Bartolomeu Marinheiro*. decorações de João Carlos. nova ed. para as Bibliotecas das Escolas Primárias segundo as emendas definitivas feitas pelo autor sobre a 1.^a ed. Lisboa: Bertrand (2.^a ed.) — (1992). *Bartolomeu Marinheiro*. Il. de Raul Lino. ed. sg. a 1.^a ed. Lisboa: ed. Livros Cotovia (3.^a ed.) — (2004). *Bartolomeu Marinheiro*. Il. de José Lima. Lisboa: ed. Sete Caminhos (4.^a ed.).
- (1918). [CC] *CANCIONEIRO DE COIMBRA, em que se contêm poesias portuguesas, & nos saudosos campos inspiradas, desde o seculo XV até aos nossos tempos, com uma sylvá de romances & cantigas tradicionais*. escolhidas por Affonso Lopes Vieira. Coimbra: ed. França Amado (1.^a ed.) — (1971). *Cancioneiro de Coimbra*. Com uma nota do Dr. Ivo José de Castro. Lisboa: Parceria A. M. Pereira (2.^a ed.).
- (1922). [RA] *O Romance de Amadis. Composto sobre o Amadis de Gaula de Lobeira*. Lisboa: Soc. ed. Portugal-Brasil (1.^a ed.) — (1924). *Le Roman d’Amadis de Gaule. Reconstitution du roman portugais du XIII e. siècle par Affonso Lopes-Vieira*. Trad. en français par Philéas Lebesgue avec des bois de René Blot d’après d’anciennes gravures. Paris: Claude Aveline ed. (trad. fr.) — (1925). *Amadis. Roman*, S. Pisateljevím Dovoljeujem iz Portugalscine Prevedel Dr. A. Debeljak, Ljubljana (trad. esl.) — (1926). *O Romance de Amadis. Reconstituição do Amadis de Gaula dos Lobeiras (Séc. XIII-XIV)*. Lisboa: ed. Portugal-Brasil (2.^a ed.) — (1929). *Amadis de Gaula. O Romance de Amadis (resumo da reconstituição portuguesa) in* Sampaio, A. F. *História da Literatura Portuguesa Ilustrada*. Paris e Lisboa: Liv. Aillaud & Bertrand. pp. 186-90. — (1935). *O Romance de Amadis. Reconstituído por Afonso Lopes Vieira*. Lisboa: Livr. Bertrand (3.^a ed.) — [1942]. *O Romance de Amadis reconstituído por Afonso Lopes Vieira*. Imp. Portugal-Brasil. Lisboa: Liv. Bertrand. Texto definitivo, sd. (4.^a ed.) — (1983). *Romance de Amadis*. intr. F. C.

- Martins. Lisboa: ed. Ulmeiro (**reimp. da 4.^a ed.?**) — [1990] *O Romance de Amadis*. Adaptação. col. Excalibur-2. ed. Ledo. sd. (**reimp.**) — (1993). *Romance de Amadis*. intr. de F. C. Martins, col. Clássicos da Língua Portuguesa. Lisboa: ed. Ulmeiro (**reimp. da 4.^a ed.?**) — (2003). *O Romance de Amadis*. Afonso Lopes Vieira. Posfácio de C. M. Vasconcelos. Estudo de C. Nobre. Porto: Porto ed. (**5.^a ed.**).
- (1924). [DJM] *A DIANA DE JORGE DE MONTEMOR, em português de Affonso Lopes Vieira*. Lisboa: Soc. ed. Portugal-Brasil (**1.^a ed.**) — (1966). *A DIANA de Jorge de Montemor em português de Afonso Lopes Vieira*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira (**2.^a ed.**).
- (1929) [PC] *O poema do CID, versão em prosa da gesta castelhana do séc. XII “cantar de mio Cid”*. Lisboa: Soc. ed. Portugal-Brasil (**1.^a ed.**) — [1976] *O Poema do Cid*. Versão de ALV. Prefácio de Menéndez Pidal. Lisboa: ed. Relógio d’Água (**2.^a ed.**) — (1993) *O Poema do Cid*. pref. de R. Menéndez Pidal. col. “Medievais”, Lisboa: Relógio d’Água eds. (**3.^a ed.**).
- (1940). [OTAMC] *Onde a terra se acaba e o mar começa*. Lisboa: Liv. Bertrand. (**1.^a ed.**) — (1998). *Onde a terra se acaba e o mar começa*, Pref. de A. M. Couto Viana, Lisboa: ed. Vega (**2.^a ed.**).
- (1945). [CAFRL] *CORTE NA ALDEIA E NOITES DE INVERNO DE FRANCISCO RODRIGUES LOBO*. prefácio e notas de Afonso Lopes Vieira. Lisboa: Liv. Sá da Costa ed. (**1.^a ed.**) — (1959). *Corte na Aldeia e Noites de Inverno de Francisco Rodrigues Lobo*. Lisboa: Liv. Sá da Costa ed. (**2.^a ed.**) — (1972) *Corte na Aldeia e Noites de Inverno de Francisco Rodrigues Lobo*. Lisboa: Liv. Sá da Costa ed. (**3.^a ed.**) — (2021) *Corte na Aldeia e Noites de Inverno de Francisco Rodrigues Lobo*. Pref. de Afonso Lopes Vieira. Leiria: Hora de Ler (**4.^a ed.**).

Cristina Nobre

Professora Coordenadora de Literatura Portuguesa no IPLeiria.